

**A Representação do lobisomem nos boletins da subcomissão catarinense de folclore (1949-1952): diálogos entre o folclore brasileiro e a dinâmica histórica**

**Claudinei de Melo Junior**

DOI: 10.11606/issn.2318-8855.v12i1107-127

**Resumo:** Aquilo que o povo vê, aquilo que o povo conta, aquilo que o povo acredita. As mudanças que as pessoas causam e vivem ao longo do tempo no espaço e seus contextos são permeadas por diversas representações que na complexa dinâmica da passagem do tempo nos fornecem valiosas informações sobre as pessoas e as formas que encontramos para nos relacionar com o próximo e com o mundo. O imaginário social é um campo de complexas e valiosas construções e interpretações dos contextos históricos ao longo dos anos. Com a nova história e os debates no campo da história cultural e da representação, a seguinte pesquisa tem como objetivo analisar a construção, representação e imaginário da figura do lobisomem presente no folclore brasileiro e suas interações com a cultura popular do Brasil na década de 1950.

**Palavras-chaves:** História Cultural; Folclore; Lobisomem; Imaginário; Representação;

## Introdução

O presente trabalho tem como objetivo organizar uma análise acerca da figura do lobisomem, criatura do folclore brasileiro, sua representação e repercussão na sociedade, imaginário e cultura popular brasileira. A discussão trará como fonte os boletins da *Subcomissão Catarinense do Folclore* (1949-1952) disponíveis na Hemeroteca digital, e os relatos e análises ali presentes. A presença do folclore em território nacional permeia diversos campos de observação e interpretação, como aspecto presente no que chamamos de cultura popular, na memória coletiva, imaginário identidade e representação de pessoas e grupos, a fomentação de uma característica própria do “ser” e pertencer a um determinado costume, cultura, o folclore não se apresenta assim como um pseudotípico popular, mas um processo coletivo que compreende a pesquisa, classificação, finalidade, psiquiatria, história, geografia, sociologia, antropologia, administração, política, religião, em suma, a pluralidade dos diversos contextos históricos e sociais (CASCUDO. 2014. n.p.).

Norteando-se assim pela problemática: De que forma a figura do lobisomem se apresenta nos boletins da Subcomissão Catarinense de Folclore e no folclore brasileiro da década de 1950 e seu contexto, e como suas representações, imaginário e simbolismo interagem como a complexa dinâmica da história através do tempo. Como arcabouço teórico da pesquisa, os diálogos serão apresentados e discutidos no campo da história cultural, representação e imaginário. No campo da historiografia e teoria da história serão apresentados embasamentos propostos por Marc Bloch e os diálogos com a ciência do folclore embasados principalmente pelos folcloristas Rossini Tavares de Lima e Edison Carneiro. Nos campos da história cultural, imaginário e representação serão utilizados como suporte os historiadores Roger Chartier, Peter Burke, Delumeau e a historiadora Sandra Pesavento. O historiador e folclorista Câmara Cascudo se

## **A Representação do lobisomem nos boletins da subcomissão catarinense de folclore (1949-1952): diálogos entre o folclore brasileiro e a dinâmica histórica**

apresenta como uma singela ponte entre os dois campos, o da história e a ciência do folclore. As reflexões ainda contam com outros autores aqui não citados, porém, não de menor importância.

### **Quem acredita no lobo mau? O folclore brasileiro nas décadas de 1930 a 1950.**

As décadas de 1940 e 1950 no Brasil são marcadas pela presença do campo folclórico que se consolida principalmente no espaço científico. A formação da Subcomissão Catarinense de Folclore e todo o movimento folclórico nacional presente nesse momento, reflete aspectos estabelecidos principalmente após os primeiros anos da década de 1940. Na década de 1930 o estudo científico do folclore ganha espaço principalmente com a figura de Mário de Andrade. “Mário de Andrade foi chefe espiritual das primeiras expedições científicas do folclore brasileiro. Estas expedições realizaram-se em 1937 e 1938 [...]” (LIMA. 2003. p. 79). As décadas de 1930 e 1940 são marcadas pelas publicações, pesquisas e debates no campo do folclore. A Sociedade de Etnografia e Folclore fundada em 1937 tem papel fundamental no desenvolvimento desse panorama, tendo como orientador Lévi-Strauss. “Os objetivos da entidade eram orientar, promover e divulgar estudos etnográficos, antropológicos e folclóricos [...] e, principalmente, no domínio da pesquisa folclórica”. (LIMA. 2003. p. 79). Com o incentivo de Dina Dreyfus, a pesquisa impactou no desenvolvimento de novos pesquisadores do folclore. Como resultado, foram publicados 6 boletins que reuniram informações importantes para o desdobramento da pesquisa no campo folclórico. E com base nessa orientação foram promovidas pesquisas no nordeste e norte do Brasil, as primeiras expedições científicas do folclore brasileiro ((LIMA. 2003. p, 80 – 81).

Os boletins de divulgação folclóricos nacionais ganham espaço principalmente durante o final da década de 1940 no Brasil. Os boletins de Espírito Santo e principalmente da Subcomissão Catarinense de Folclore, que começa a publicação de seu periódico em 1949, organizam seus trabalhos de pesquisa, coleta e fazem a disseminação estabelecidos nos processos desencadeados pela *Sociedade de Etnografia e Folclore*. Foi na década de 1940 que Renato Almeida constituiu a *Comissão Nacional de Folclore*, fato importantíssimo para a ampliação do espaço da pesquisa folclórica nacional. A criação da Comissão Nacional de Folclore surge como uma conscientização das pesquisas folclóricas e como um espaço que orienta e unifica esse movimento no país (LIMA. 2003). Esse estabelecer de uma posição frente ao folclore e ao debate de seus estudiosos na conscientização da necessidade de seus estudos, marca um importante indicativo do afastamento dos ideais republicanos vigentes até então, que estabelecem a figura do folclore como uma “estática representação de uma brasilidade nacional”.

Durante o processo de formação nacional, principalmente a do final do século XIX e início do século XX, a forte noção de progresso aliados aos interesses republicanos intensificaram a ideia da busca de uma civilização racional e que se constituísse de símbolos e identidades (MELLO. 2008). O folclore desponta como elemento da formação de uma brasilidade e seu resgate e representação se estabelece com a presença de identidade nacional antropofágica. O grande problema de uma interpretação apenas factual da ciência do folclore se encontra na construção de uma ideia única e na concepção do folclore como uma antiguidade popular ou simples tradição, um fenômeno simplesmente histórico e secundário. Algo estático (CARNEIRO. 2008). A constituição da Comissão Nacional de Folclore é fator importante para a interpretação do folclore como aspecto dinâmico da sociedade e que combina um

## **A Representação do lobisomem nos boletins da subcomissão catarinense de folclore (1949-1952): diálogos entre o folclore brasileiro e a dinâmica histórica**

processo espontâneo, e não uma simples concepção estética identitária em seu termo amplo nacional:

O campo da ciência do folclore e sua interação com os mais diversos espaços das ciências humanas e culturas continua em expansão em seus debates no decorrer da década de 1940, as questões políticas internas e o fim da Segunda Guerra Mundial marcam profundas mudanças nas questões sociais, políticas e culturais no mundo todo. À Organização das Nações Unidas frente ao novo cenário mundial estabelece tentativas de promover estabilidade, convivência e valorização dos povos (GONÇALVES. 2012). É nesse contexto que intelectuais de Santa Catarina criam a Subcomissão Catarinense de Folclore. “[...] a criação da Subcomissão Catarinense de Folclore se deu durante a realização do *Primeiro Congresso de História Catarinense* em 1948”. (GONÇALVES. 2012. p. 11.). O primeiro secretário da Subcomissão viria a ser Oswaldo Rodrigues Cabral. “Médico, Cabral ganhara destaque nos meios intelectuais catarinenses e alguma projeção em âmbito nacional na segunda metade da década de 1930”. (GONÇALVES. 2012. p. 11). A Subcomissão orienta então um debate intelectual no âmbito do folclore, partindo principalmente de todo o processo dinâmico presente na consolidação do espaço da pesquisa, caracterizado pelas primeiras décadas republicanas e os processos estabelecidos no decorrer da década de 1930 com os avanços nas áreas de pesquisa do folclore. A criação das subcomissões nos anos de 1940 ampliou os espaços multidisciplinares e os debates principalmente nos campos da sociologia, antropologia e do folclore (GONÇALVES. 2021. P. 12).

Com as diversas influências e transformações que o cenário nacional brasileiro enfrentava desde o final do século XIX, Santa Catarina caracteriza sua presença

sociocultural no cenário brasileiro, estabelecendo uma ideia de valorização do patrimônio local e cultural. Aqui entendemos patrimônio como o espaço ou a manifestação espontânea da presença folclórica, que não estabelece necessariamente uma relação com um passado que lhe dá valor e sentido, em 1950 os folcloristas não estabelecem distinção no reconhecimento de patrimônios materiais ou imateriais, o objeto de estudo era em si o folclore sem distinção. (GONÇALVES. 2012). Como espaço de divulgação e diálogo com a cultura de Santa Catarina, as edições dos Boletins da Subcomissão Catarinense de Folclore buscaram mostrar e valorizar esses aspectos que caracterizavam as expressões catarinenses “[...] brincadeiras e brinquedos infantis, adágios, crenças e “superstições”, benzeduras e formas da medicina popular, folguedos, festas de caráter religioso, danças e “modos de fazer” variados” (GONÇALVES. 2012. p. 15).

### **Do folk ao lore, da história ao folclore**

Com as novas lentes entregues pela história cultural, o olhar do campo historiográfico sofreu um deslocamento. Questionando métodos e certezas, o campo da história cultural ampliou as percepções dentro das dinâmicas presentes em uma sociedade. “Um interesse crescente nos valores defendidos por grupos particulares em locais e períodos específicos [...]” (BURKE. 2005. p. 08), trouxe possibilidades para uma interdisciplinaridade possibilitando assim uma maior perspectiva para as fontes históricas, Peter Burke em seu livro *O que é História Cultural* associa o alavancamento dos “estudos culturais”, principalmente a partir de 1970, ao que ele chama de “virada cultural”, que se caracteriza como uma mudança na percepção das manifestações e expressões cotidianas fora do meio acadêmico que tomam um novo significado como o medo, a pobreza, as trocas culturais etc. (BURKE. 2005. p. 09).

## **A Representação do lobisomem nos boletins da subcomissão catarinense de folclore (1949-1952): diálogos entre o folclore brasileiro e a dinâmica histórica**

A presença da corrente cultural fora e dentro do meio acadêmico possibilitou o debate e a análise de aspectos antes limitados a uma perspectiva que agora, ganhou novos diálogos, diálogos esses que possibilitaram a historiografia expandir seu campo de interesse e aproximar o método histórico a campos antes não apresentados, tais como a cultura popular e o folclore. Folclore ou *Folk Lore*, que do inglês em tradução livre podemos entender como “aquilo que o povo fala” é um dos campos que, sobre a lente da história cultural, constrói sua interdisciplinaridade com a historiografia. O folclore estuda a cultura viva, a cultura espontânea existente nas relações sócio culturais nos espaços letrados que caracterizam de certa forma os costumes humanos e seus registros (LIMA. 2003. p. 18).

Tavares Lima apresenta o folclore como uma forma dinâmica e espontânea. “Todo Folclore é um ser e um vir-a-ser e, portanto, se acha em um processo de mudanças o que na existência humana constitui-se em ato constante [...]” (LIMA. 2003. p. 22). Dessa forma podemos interpretar a presença espontânea das culturas nas sociedades e suas interpretações e significados aliados aos contextos de suas experiências, que quando relacionados ao método historiográfico nos possibilita uma interpretação histórico sociocultural, segundo LIMA (2003) os dados da história sociocultural e da Geografia humana muito tem para contribuir com os estudos folclóricos.

“A história [...] é um esforço para conhecer melhor, por conseguinte, uma coisa em movimento”. (BLOCH. 2002. p. 46). A história das pessoas em seus contextos e tempo configura a dinâmica presente no método histórico de pesquisa. “Esse tempo verdadeiro é, por natureza, um continuum. É também, perpétua mudança”. (BLOCH.

2002. p. 55). A cultura em seu meio popular longe dos centros acadêmicos, configura uma eterna manifestação espontânea de construções e reconstruções dentro das sociedades, ou, círculos e concentrações humanas.

A cultura popular presente nas sociedades e no campo folclórico compreende uma dinâmica histórica ampla que caracteriza e expressa traços, ou, construções socioculturais de indivíduos e grupos. “A cultura popular é o saldo da sabedoria oral na memória coletiva”. (CASCUDO. 1961. p. 05). Ela compreende assim diversas tradições humanas coletivas que constroem em seus contextos específicos uma dinâmica própria. As continuidades e semelhanças, objetos, histórias, lendas, contos, as semelhanças nas expressões culturais de diversas regiões, o lembrar de uma coisa na outra ( CASCUDO 1961. p. 06). A presença viva de um passado constante em um presente que anseia pelo futuro, caracteriza uma forte presença da concepção de representação. Roger Chartier, historiador cultural propõe o debate da representação no campo da cultura. “A relação de representação – entendida como relação entre uma imagem presente e um objeto ausente, uma valendo pelo outro porque lhe é homóloga [...]”. (CHARTIER. 1991. p. 184). As representações presentes em uma sociedade em seus aspectos culturais trazem a relação de passado e presente e a as construções de relações com o seu contexto:

Por um lado, os dispositivos formais – textuais ou materiais – inscrevem em suas próprias estruturas as expectativas e as competências do público a que visam organizando-se portanto a partir de uma representação da diferenciação social. Por outro lado, as obras e os objetos produzem sua área social de recepção, muito mais do que as divisões cristalizadas ou prévias o fazem. Lawrence W. Levine fez a demonstração disso, mostrando que a maneira como eram representadas as peças de Shakespeare na América do século XIX (ou seja, misturadas com múltiplas outras formas de espetáculo, tomadas de empréstimo à farsa, ao melodrama, ao ballet, ao circo) tinha criado um público amplo, ruidoso e irrequieto, que ia muito além da pura e simples elite burguesa e letrada [...] Os dois exemplos levam a considerar as diferenciações culturais, não como a tradução de divisões estáticas e imóveis, mas como o efeito de

## **A Representação do lobisomem nos boletins da subcomissão catarinense de folclore (1949-1952): diálogos entre o folclore brasileiro e a dinâmica histórica**

processos dinâmicos. Por um lado, a transformação das formas através das quais um texto é proposto autoriza recepções inéditas, logo cria novos públicos e novos usos. Por outro, a partilha dos mesmos bens culturais pelos diferentes grupos que compõem uma sociedade suscita a busca de novas distinções, capazes de marcar os desvios mantidos. (CHARTIER. 1991. p. 186).

Dessa forma podemos compreender a dinâmica existente nas sociedades, e seus aspectos que são construídos não apenas nas presenças materiais, mas também aliados às questões populares, ofícios, mentalidades, imaginários. A valorização do folclore, o reconhecimento da importância das manifestações populares na formação do lastro cultural da nação constitui procedimentos capazes de assegurar as opções necessárias ao seu desenvolvimento (BRANDÃO. 1984. p. 24).

O folclore brasileiro é parte desse processo vivo de transformações culturais e históricas que as sociedades passam pelo decorrer dos anos. “Historicamente, nosso folclore possui aculturação européia [...] asiática [...] e ainda de judeus, ciganos, norte-americanos, índio-tupi e africana de ioruba e banto”. (LIMA. 2003. p. 62). O processo de interações culturais faz parte da dinâmica existente nas trocas entre os povos. “Aos portugueses devemos a língua e como consequência formas de linguagem [...] histórias de Trancoso, os mitos da Alamoia [...] e o lobisomem”. (LIMA. 2003. p. 62). A figura do lobisomem é aspecto presente e dinâmico no folclore brasileiro e suas características, aparência, história, está inserida em todo o processo histórico-cultural presente nos debates que tangem os campos da representação e do imaginário, memória e cotidiano brasileiro. O lobisomem brasileiro tem sua estética e história própria que não se prende apenas a representação europeia. Sabine Baring-Gouldn em *O Livro dos Lobisomens* caracteriza o lobisomem brasileiro como alguém amaldiçoado, com um pacto com o tihoso, que representa o mal e faz maldades, espalha o terror, apavora

as pessoas, se alimenta de fetos e crianças não batizadas, animas pequenos, cachorros e carniça, desvirgina moças (GOULD. 2008. p. 10 ).

Mais que apenas uma assombração manchada de maldade, a figura do lobisomem caracteriza uma expressão de mentalidades e imaginários que interconecta e conversa com as crenças, espaços e criações presentes, nas sociedades. No Brasil, a forte ligação com os dogmas católicos, o pecado e a danação, a figura do lobisomem, faz parte de um profundo sistema de existência. O folclore se caracteriza como os instantes fugazes da história, a cultura viva, o sangue, os ossos e nervos que é a vida das pessoas e suas crenças e costumes, um organismo mutável (BRANDÃO. 2012. p. 87-88).

Com a expansão do espaço social e midiático no Brasil, o folclore, como ciência e cultura viva do povo que interage assim com os outros espaços de atuação cultural e social, encontrou seu espaço não apenas em seu círculo de existência, mas principalmente expandiu sua exposição e divulgação nos espaços sociais cotidianos populares, com mídias como os jornais, periódicos, cadernos, revistas. “A década de 40 teve muitas entidades que se propuseram à coleta e pesquisa do folclore brasileiro”. (LIMA. 2003. p. 92). Os estudos e pesquisas aplicados ao folclore possibilitaram uma expansão na produção cultural e conseqüentemente documental. Em 1949 a então Subcomissão catarinense de folclore edita as primeiras versões de seus boletins, assim como a Subcomissão de espírito Santo, todos sobre a orientação da Comissão Nacional de Folclore. (LIMA. 2003. p. 98). Os periódicos se apresentam assim como importante fonte de estudos e interpretações no diálogo entre história e folclore. Ressalta Tânia Regina de Luca em seu capítulo *História dos, nos por meio dos periódicos*, no livro *Fontes Históricas* organizado pela historiadora Carla Pinsky:

## **A Representação do lobisomem nos boletins da subcomissão catarinense de folclore (1949-1952): diálogos entre o folclore brasileiro e a dinâmica histórica**

A face mais evidente do processo de alargamento do campo de preocupação dos historiadores foi a renovação temática, imediatamente perceptível pelo título das pesquisas, que incluíam o inconsciente, o mito, as mentalidades, as práticas culinárias, o corpo, as festas, os filmes, os jovens e as crianças, as mulheres, aspectos do cotidiano, enfim uma miríade de questões antes ausentes no território da História [...] O estatuto da imprensa sofreu deslocamento fundamental ainda na década de 1970: ao lado da História da imprensa e por meio da imprensa, o próprio jornal tornou-se objeto da pesquisa histórica (PINSKY. 2008. p. 113 - 118).

Dessa forma, os periódicos aliados as lentes da nova história e da história cultural nos possibilitam, juntamente a historiografia e o olhar atento do historiador, uma busca pelas possibilidades de interpretação, representação, e intenção conferidos a criação e publicação de um periódico, nos possibilitando uma análise não apenas material em si, mas de toda a configuração contextual de sua produção, alterando o objeto de estudo para um campo que apresenta elementos do cotidiano social, o coletivo (OLIVEIRA. 2011. p. 126).

### **Mistérios de um lobisomem que fosse história: a representação do lobisomem nos boletins da subcomissão catarinense de folclore**

“Ele desceu a rua, com as orelhas arrastando no chão, babando e de pelo preto, fazia um barulho de gente, misturado com cachorro, só podia ser o Dilindo. Ele é Lobisomem”. Narra minha mãe, quando tem a oportunidade, nos almoços e jantares de família. As diversas histórias do, como ela diz: “Tem em que eu era criança”. O imaginário popular carrega, nas suas superstições e crenças, uma riqueza de expressões e reflexos dos contextos, memórias, narrativas. Iremos nos aprofundar um pouco mais, ao longo desta pesquisa, no campo das representações sociais presentes

na nossa rica cultura brasileira e em seu folclore. Serão analisados na seguinte pesquisa os boletins da *Subcomissão Catarinense de Folclore* publicados entre os anos de 1949 e 1952, em específico as edições de número 01, 05, 09, 10 e 12.

Já na primeira edição do boletim, a figura do lobisomem ganha um pequeno espaço no capítulo intitulado: *Superstições pelos Municípios Catarinenses*. Na página 17 da edição de número 01 de 1949 podemos observar a seguinte passagem: “O 7º Filho, quando não batizado – “vira lobishomem” ou quando casa será estéril”. Crenças, ou, como o boletim apresenta “superstições”, carregam grande parte do espaço presente no imaginário folclórico, aquilo que “o povo vê”, aquilo que “o povo fala”, as manifestações da vida popular, pensar, sentir, expressar (CARNEIRO. 2008. p. 07). O saber popular e suas crenças estabelecem uma representação dinâmica dos espaços sociais ao longo da história. A fala de Carneiro sobre as manifestações do folclore traz a pluralidade de expressões e a diversidade dos testemunhos históricos, testemunhos esses que devem se não expressar a diversidade infinita do campo da história, aquilo que as pessoas falam, escrevem, fabricam, tocam, o que informa sobre as pessoas no tempo (BLOCH. 2002. p. 79) e além, aquilo que o povo acredita. A transmissão oral consagra a Cultura Popular porque a lembrança guarda realmente as “permanentes” da sabedoria tradicional [...] a sabedoria vive mais ardente na consciência e não nos registros que a sepultam [...] (CASCUDO. 1961. p. 11). A história oral presente na dinâmica histórica do folclore, carrega em si, as representações que permeiam a ciência das pessoas no tempo e que caracterizam seus contextos, esses registros que existem para além dos documentos oficiais. O folclore se caracteriza na existência de uma ação, ela informa e deve informar sobre as pessoas no tempo. Um processo dialético, que se atualiza, um reajuste constante dos seus temas frente aos novos contextos, processos esses políticos, que transitam pela conjuntura social e que resultam nessa ação

## **A Representação do lobisomem nos boletins da subcomissão catarinense de folclore (1949-1952): diálogos entre o folclore brasileiro e a dinâmica histórica**

(CARNEIRO. 2008. p. 24). As crendices populares dessa forma, configuram uma interação do espaço social popular, a vigília, a crença, a devoção, o medo de se não batizar um filho, os núcleos sociais e familiares etc.

Dilindo só poderia ser um Lobisomem! Ele pedia sal de porta em porta, era filho não batizado de viúva, usava chapéu preto, capa preta, cavalo preto e até as pedrinhas do riozinho que ficava perto da casa de minha mãe, segundo quem morava na região, tinham medo e se escondiam no fundo quando ele passava a galope. Era vivo! As interações sociais e construções imagéticas que tanto nos debruçamos a estudar nos arquivos e livros e textos, eram vivas, são vivas! Existem no tecido orgânico que é a sociedade e configuram-se em seus contextos.

Na edição de número 05 de 1950 temos o capítulo intitulado: *Pequenas Lendas*. Na página de número 24 temos a lenda intitulada: *Lobishomem*. Podemos perceber novamente a presença dos aspectos relacionados às crenças e o dia a dia popular: “O Lobishomem ou Lambishome, como é conhecido entre o arraia miúda de Santa Catarina, é – segundo voz corrente – o primeiro ou sétimo filho de um casal, o qual tem um fardo triste a cumprir”. (1950 p. 24). Segundo a pequena lenda, o sétimo ou primeiro filho, se não batizado pelo seu irmão mais velho carrega o fardo do Lobishomem, vai ter um físico pouco agradável, magro, e se deita onde outro animal se deitou na encruzilhada e se transforma em bicho, sendo mais comum a forma de cão. (1950. p. 24). A historiadora Sandra Jatahy Pesavento em seu artigo *imaginando o imaginário* nos diz:

Ou seja, no domínio da representação, as coisas ditas, pensadas e expressas têm um outro sentido além daquele manifesto. Enquanto representação do real, o imaginário é sempre referência a um “outro” ausente [...] envolve a

relação que se estabelece entre significantes (imagens, palavras), processo este que envolve uma significação simbólica [...] a sociedade constrói a sua ordem simbólica, que, se por um lado não é o que se convencionou chamar de real (mas sim uma sua representação), por outro lado é também uma outra forma de existência de realidade histórica. (PESAVENTO. 1995. p. 15 – 16).

A construção do imaginário social carrega assim seus símbolos, que no espaço da representação estabelecem conexões com a dinâmica história das transformações ao longo do tempo. O imaginário inserido nessas relações e as formas das realidades históricas traduzem os efeitos dinâmicos e não os padrões estáticos (CHARTIER. p. 76).

O capítulo do boletim da Subcomissão continua e ainda na página 24, nos apresenta um relato. Conta a história de uma senhora que é atacada por um pequeno porco enquanto banhava seu filho em uma lagoa, teve a sua saia rasgada pelo animal. Na manhã seguinte, ao levantar-se, viu nos dentes do marido, que passava a noite fora, os fiapos de tecido de sua saia, ele era então um Lobishomem! (1950. p. 24). As narrativas e contos que permeiam o imaginário do folclore, estabelecem seus vínculos nas questões ordinárias e corriqueiras, passeios ao luar, banhar o filho, batismos, casamentos etc. As desdobras representativas contextuais das realidades onde a cultura se faz forma. A relação histórica das transformações é dinâmica, o “tradicional” na pura forma de compreender se estabelece muito mais pelo contexto e não por sua permanência. O português, batendo todo o Brasil com seus sapatos de bandeirante, carregava em maior porcentagem, seus mitos, herança inarredável e perpétua. (CASCUDO. 2012). Não podemos esquecer a presença indígena, africana e todas mais que constroem a riqueza cultural do Brasil, mas devemos também compreender que as representações culturais que carregam o folclore nacional não se limitam apenas a presença de uma “herança” ou “explicação para o surgimento”. A figura do Lobisomem, por exemplo, como um cão ou um porco destoa da clássica representação europeia do lobo, animal esse que nunca existiu em terras brasileiras, mas também é inegável a

## **A Representação do lobisomem nos boletins da subcomissão catarinense de folclore (1949-1952): diálogos entre o folclore brasileiro e a dinâmica histórica**

presença da influência, como o batismo e o casamento que nos remetem às crenças cristãs. Quando minha vó viu Dilindo descendo a rua, ela sabia o que fazer: Tinha que voltar para casa, colocar sal na soleira e rezar o terço, “lobo come bebê sem batismo”, meu tio recém-nascido estava na mira do focinho do lobisomem. Os espaços presentes nos seus significados, a casa, a igreja, a comunidade e seus costumes extrapolam o espaço tradicional e factual. A oralidade, a memória, o imaginário tangem no espaço da interpretação de uma fonte histórica, pois representam a pluralidade dos debates no complexo sociocultural.

Na edição de número 09 e 10 de 1951 uma pequena passagem remete à figura do lobisomem e se encontra na página 50. Em um espaço dedicado para a apresentação de trabalhos e pesquisas no campo do folclore, um dos trabalhos intitulado: *O Lobisomem* de Walter F. Piazza. Na edição de número 12 do boletim do ano de 1952 a pesquisa antes mencionada de Walter Piazza ganha um espaço de publicação no boletim da Subcomissão. O trabalho anos antes foi apresentado no *1º Congresso Brasileiro de Folclore* no Rio de Janeiro. Em 1947 com a fundação da *Comissão Nacional de Folclore*, o estudo do Imaginário popular ganhou um grande impulso (CARNEIRO. 2008). Em 1948 com a fundação de 18 subcomissões nacionais de folclore (incluindo a de Santa Catarina), instalou-se no Rio de Janeiro a *1ª Semana de Folclore*. Rio de Janeiro que anos mais tarde receberia o *1º Congresso Brasileiro de Folclore*. As produções circulantes desse evento apresentaram um caráter acadêmico e científico, e se debruçaram na ideia de incentivar a pesquisa científica do folclore nacional.

Walter F. Piazza, em seu trabalho *O Lobisomem*, constrói uma pesquisa voltada para a figura do lobisomem desde sua térrea presença nos mitos gregos, até seu

contexto histórico na década de 1950 no Estado de Santa Catarina. Da chegada em terras brasileiras pelos viajantes portugueses até suas características no imaginário popular. Na página 44, Piazza com o subtítulo: *Como se apresenta?* Relata as formas e interpretações da figura do Lobisomem nos diversos Estados brasileiros e destaca a pluralidade de formas e transformações que a criatura apresenta, variando de lugar para lugar sempre em forma animal, com apenas uma exceção: “[...] em Nova-Trento, parte do território catarinense, onde é “um homem de olhos afogueados, pelo eriçado, ventre aberto e sangrando, unhas aguçadas e que expele fogo pela boca”. (PIAZZA. 1952. p. 44).

As formas animais do lobisomem se apresentam desde o lobo, mais próximo da lenda europeia, e se estendem para bezerro, porco, cão, dragão etc. Dentre as diversas formas e espaços que o lobisomem se apresenta na cultura popular, uma ideia transita na sua aparição: A culpa e o castigo. Seja pela falta do batismo, aspecto recorrente nas lendas do lobisomem brasileiro, ou o incesto, traição etc. A ação do lobisomem é a mais perversa possível [...] os cachorros uivam e o perseguem [...] o gado [...] corre que nem louco [...] (PIAZZA. 1952 p. 46).

Ainda dentro das formas que o lobisomem se apresenta, Piazza no boletim, relata que “Um cabôclo do interior catarinense disse-nos que o lobisomem “suga o sangue das criancinhas, especialmente das que, ainda, se amamentam. Desvirgina as donzelas” (1952. p. 47). Aqui podemos perceber a ideia construída pautada em uma série de valores éticos e morais, e a pessoa que amaldiçoada com o peso do lobisomem, torna-se um transgressor dos costumes.

Não dar sal para o lobisomem era erguer a fúria da criatura, minha mãe nunca deu sal de verdade, mas sua tia dizia “se o sal não der, o lobo come”. A construção do

## **A Representação do lobisomem nos boletins da subcomissão catarinense de folclore (1949-1952): diálogos entre o folclore brasileiro e a dinâmica histórica**

imaginário do medo e da organização social e dos costumes refletem na complexidade das ações tomadas em uma sociedade, nas suas crenças. Permeiar o campo do imaginário e da representação, é o instaurar do existente no inexistente.

O contexto das décadas de 40 e 50 no Brasil e todos os debates que percorrem a sociedade no século XX caracterizam um panorama que se fazem necessárias reflexões nas interpretações dos conteúdos apresentados nas fontes históricas. A complexidade dos contextos nos fornece um panorama reflexivo do quão plurais as relações socioculturais são. As imagens de um resgate na memória de uma criança, as publicações de um boletim, os “causos” e superstições, imaginário e interações entre as pessoas, constroem uma dinâmica no contexto histórico. Dilindo não era lobisomem, mas representava sua figura imagética, era parte viva do complexo de sangue, carne, ossos e nervos. Os boletins da Subcomissão levantam no Estado de Santa Catarina um debate importante das representações culturais existentes no Estado, reflexões sobre seu conteúdo, a criação de seu espaço de circulação e publicação. Sua existência frente ao seu contexto.

### **Conclusão**

A figura do lobisomem presente no imaginário do folclore brasileiro é uma das tantas que nos mostram a dinâmica viva das transformações e representações ao longo do tempo. Carregado de simbolismos, significados e costumes que expressam diretamente o contexto em que se insere. Nos boletins da Subcomissão Catarinense de Folclore, a figura do lobisomem transita dos relatos e histórias plurais que existem em todo o espaço geográfico brasileiro. No imaginário popular se apresenta frente ao

contexto social, e muitas vezes, carrega valores que caminham na esfera da ação e da interação social, a significação daquilo que se é imagético, representativo.

A dinâmica do folclore dessa forma, se estabelece frente a essas mesmas narrativas e significações, e se apresenta junto a tantas mais representações que acompanham as transformações sofridas ao longo da história. O folclore como uma “cultura viva”, que interage, troca, se monta e desmonta como parte de mais um processo das diversas representações humanas. Ao pensarmos no Brasil da década de 50 e suas dinâmicas sociais e valores estabelecidos na sociedade, toda a interação construída entre o espaço, seu contexto, as pessoas e o imaginário. As produções que as comunidades estabelecem, dentro das esferas das culturas presentes em uma sociedade refletem assim todo um grande emaranhado de passado, presente e futuro, suas representações, suas permanências e mudanças, mentalidades e interações.

Os boletins da Subcomissão representam uma pequena parcela da grande produção folclórica nacional, seus debates e apontamentos, deixam espaço para ainda mais pesquisas e análises. Essa singela pesquisa foi construída com a esperança de levantar o debate acerca das fontes consideradas “não oficiais”, debater e pesquisar sobre as representações e as dinâmicas históricas existentes nas mais abrangentes formas de interpretar o mundo, as formas de se expressar dos seres humanos.

### Referências Bibliográficas

BARING-GOULD, Sabine. **O Livro dos Lobisomens**. Tradução de: Ronald Kyrmse. São Paulo. ALEPH. 2008.

BLOCH, Marc. **Apologia da história, ou, O ofício do historiador**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar. 2002.

## **A Representação do lobisomem nos boletins da subcomissão catarinense de folclore (1949-1952): diálogos entre o folclore brasileiro e a dinâmica histórica**

**BOLETIM DA SUBCOMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE.** Acervo Público de Santa Catarina. Florianópolis. n. 1. Ano. 1. setembro de 1949. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=884677&pesq=&pagfis=39>. Acesso em: 03 out. 2022.

**BOLETIM DA SUBCOMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE.** Acervo Público de Santa Catarina. Florianópolis. n. 5. Ano. 2. Setembro de 1950. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=884677&pesq=&pagfis=249>. Acesso em: 03 out. 2022.

**BOLETIM DA SUBCOMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE.** Acervo Público de Santa Catarina. Florianópolis. n. 9 – 10. Ano. 3. setembro e dezembro de 1951. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=884677&pesq=&pagfis=522>. Acesso em: 03 out. 2022

**BOLETIM DA SUBCOMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE.** Acervo Público de Santa Catarina. Florianópolis. n. 12. Ano. 3. junho de 1952. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=884677&pesq=&pagfis=741>. Acesso em: 03 out. 2022

BRANDÃO, Carlos R. **O que é Folclore?:** Coleção Primeiros Passos. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna: Europa, 1500-1800.** Tradução de: Denise Bottman. São Paulo. Companhia de Bolso. 2010.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?.** Tradução de: Sérgio Goez de Paula. Rio de Janeiro. Editora Zahar. 2005.

CABRAL. Oswaldo R. **História de Santa Catarina.** Editora Laudes. 1970.

CARNEIRO, Edison. **A sabedoria Popular.** 3. ed. São Paulo. Editora Martins Fontes. 2008.

CARNEIRO, Edison. **Dinâmica do Folclore.** 3. ed. São Paulo. Editora Martins Fontes. 2008.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Antologia do Folclore Brasileiro.** Primeira Edição Digital. São Paulo. Global Editora. V. 1. 2014.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Antologia do Folclore Brasileiro**. Primeira Edição Digital. São Paulo. Global Editora. V. 2. 2014.

CASCUDO, Luís da Câmara. Da cultura Popular. **Revista Brasileira de Folclore**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, p. 05-16, 18 out. 2022. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=140171&pagfis=2>. Acesso em: 5 set. 2021.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Rio de Janeiro. Ediouro. 2005.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Geografia dos Mitos Brasileiros**. São Paulo. Global Editora. 2012.

CHARTIER, R. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, [S. l.], v. 5, n. 11, p. 173-191, 1991. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8601>. Acesso em: 18 out. 2022.

DELUMEAU, Jean. **História do Medo no Ocidente 1300-1800 Uma cidade Sitiada**. Tradução de: Maria Lucia Machado. Tradução de Notas: Heloísa Jahn. République Française. Companhia de Bolso. 2009.

FOLCLORE In. **Michaelis**. 2021. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/folclore/>. Acesso em: 05 set. 2021.

GONÇALVES, Janic. **Defender o patrimônio tradicional: a atuação dos folcloristas catarinenses entre 1948 e 1958**. São Paulo, Unesp, v. 8, n. 2, p. 4-25, julho-dezembro, 2012. Disponível em: <https://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/292/339>. Acesso em: 04 de jun. 2022.

LIMA, Rossini Tavares de. **A ciência do Folclore**. 2. ed. São Paulo. Editora Martins Fontes. 2003.

MELLO, Maria Tereza Chaves de. A modernidade republicana. **Tempo**. V.13, n. 26. p. 15-31. 2009.

OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. A Relação Entre a História e a Imprensa, Breve História da Imprensa e as Origens da Imprensa no Brasil (1808-1930). **História**. Rio Grande. 2 (3). p. 125-142. 2011. Disponível em: <http://www.repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/6828/2614-7224-1-PB.pdf?sequence=1>. Acesso em: 15 mai. 2022.

**A Representação do lobisomem nos boletins da subcomissão catarinense de folclore (1949-1952): diálogos entre o folclore brasileiro e a dinâmica histórica**

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em Busca de Uma outra História: Imaginando o Imaginário. **Revista Brasileira de História**. São Paulo. V. 15. N. 29. p. 9-27. 1995. Disponível em: [https://www.anpuh.org/revistabrasileira/view?ID\\_REVISTA\\_BRASILEIRA=14](https://www.anpuh.org/revistabrasileira/view?ID_REVISTA_BRASILEIRA=14). Acesso em: 03 out. 2022.

PINSKY, CARLA Bassanezi et al. **Fontes Históricas**. São Paulo. Contexto. 2008.